

O ALARME!

22, VILLAGE DU RIF 38640-CLAIIX — C.C.P. PAYAN CHARLES (O.A.) N°257 08 B GRENOBLE

JORNAL DOS PORTUGUESES DA REGIÃO DE GRENOBLE

DEZEMBRO 73 1 FR

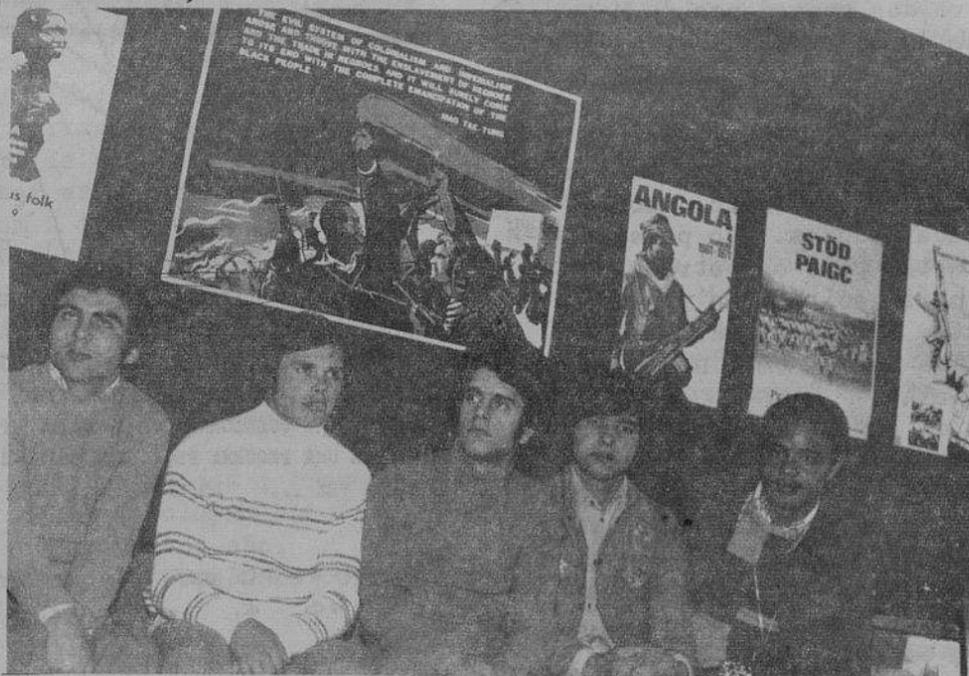
N°15

DIZEM CINCO MARINHEIROS QUE DESERTARAM:

"QUANDO UM DIA PEGARMOS EM ARMAS SERÁ CONTRA OS INIMIGOS DOS POVOS DE PORTUGAL E DAS COLÓNIAS"

"Antes da tropa éramos operários e sabíamos bem a exploração de que éramos vítimas por parte dos patrões e dos encarregados, que nos tratavam de cima da burra, como se fossem eles que nos andavam a fazer um favor, e não nós que andávamos a trabalhar para os engordar. Na tropa, na marinha, eram os oficiais e os sargentos chicos que nos andavam sempre a lixar a vida e nos tratavam como se fôssemos escravos deles. E era então para defender os interesses desses mamãs, dessa corja de bandidos, que nós havíamos de ir para a guerra colonial assassina, servir de carne para canhão e lutar contra os povos que já pegaram em armas para expulsar das suas terras os parasitas que lhes estão a sugar o sangue e não os deixam sair da miséria. Claro que logo que vimos uma oportunidade, desertámos..."

APROVEITANDO - SE DA PARAGEM NA DINAMARCA DA FRAGATA ALMIRANTE MAGALHÃES CORREIA, INTEGRADA NA ESQUADRA DA NATO, ESTES CINCO VALENTES, FILHOS DO POVO, FARDADOS À FORÇA, SEGUIRAM A JUSTA PALAVRA DE ORDEM DE FAZER AGITAÇÃO NO SEIO DO EXÉRCITO E DE DESERTAR ANTES DA MOBILIZAÇÃO.



LÊR NOTÍCIAS PAG. 4 E 5

QUENTES e BOAS

LECA DA PALMEIRA (SACOR)
Os operários desencadearam uma greve no mês de Outubro. Quebrando continua

SETUBAL (SIGNETICS) MAT. ELECT.
Greve por aumento de salários e melhores condições de trabalho.

(BARREIROS) C. CAMIÕES
Os operários fazem CERRA, incendiaram CARROS, a produção baixou de 26 CARROS para 4 e 5 por dia.

MOSCAVIDE (FABRICA DE TELEF.)
VALENTE GREVE DE 6.000 mulheres.

PORTO (ALUMINIA)
Os operários fizeram GREVE no dia 13 de Novembro. Ler mais notícias nas pág. 7 e 8.

"VOTAR É TRAIR O POVO"

"ABAIXO AS ELEIÇÕES BURGUESAS"

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR"

ESTAS FORAM AS PALAVRAS DE ORDEM QUE O POVO TRABALHADOR DEFENDEU DURANTE A FANTOCHADA ELEITORAL EM DIVERSOS PONTOS DO PAÍS: PORTO, COIMBRA, MATOSINHOS, GUIMARÃES, MARINHA GRANDE, BAIXA DA BANHEIRA, LISBOA, MIRA GAIA, SÉ, ETC...

(ler mais notícias nas páginas 7 e 8)

* OS LEITORES ESCREVEM ... *

O RACISMO

Paris, 20/11/73

PARIS

Grenoble

Camaradas,

Somos leitores do "Alarme", e resolvemos escrever-lhes por termos lido no último número, nº14 um artigo dum outro leitor com o qual não estamos de acordo, e achamos estranho que "O Alarme", jornal que sempre defendeu correctamente os interesses dos trabalhadores, publicasse um artigo racista sem o criticar. E como as verdades são para se dizerem, doa a quem doer, lá vai.

O artigo intitulado "Racistas, dei-lhes com tanta alma" que fala sobre um caso de racismo que aconteceu com esse camarada dá a entender que nós portugueses devemos de nos unir contra os franceses, pois eles são racistas, porém não estamos de acordo que todos os franceses sejam racistas, pois há franceses trabalhadores como nós que trabalham ao nosso lado, convivem connosco e sentem tal como nós que são explorados pelos patrões. Outros franceses há, que além de não serem racistas combatem as ideias racistas discutindo com quem tem essas ideias. Outros franceses há ainda, a quem nem sequer lhes passa pela cabeça o problema de serem racistas ou não, pois apoiam a luta dos trabalhadores portugueses contra a classe dos patrões, deram dinheiro para a vitoriosa greve dos pescadores de Matosinhos que durou três meses, ajudam os soldados portugueses que se recusam a ir para a guerra colonial, etc.

E isso, nós, os trabalhadores, sejamos franceses ou portugueses ou árabes ou americanos, etc...somos sempre trabalhadores. Não passamos de cepa torta, pois os patrões em qualquer país capitalista vivem à nossa custa. A riqueza deles somos nós que lhes damos com a nossa força de trabalho.

No fim de contas a vida é uma luta de classes. Nós, a classe dos trabalhadores, em qualquer parte do mundo devemos de nos unir contra a classe dos patrões, porque eles estão unidos contra nós, montam polícias, sindicatos, etc...tudo para defenderem os interesses deles, que é o aumento das suas fortunas, e quem é que passa tudo isto? São os trabalhadores mais uma vez. Porque os patrões nada fazem, só nos dão ordens. Para que precisamos deles?

De facto há trabalhadores franceses que não vêm as coisas assim e que são mesmo racistas. Porquê? Porque o racismo é "um veneno espalhado pelos patrões" entre os trabalhadores para criarem a desunião entre nós; isto através da televisão, da rádio, da imprensa (por exemplo, o Dauphiné Liberé da região de Grenoble) onde os burgueses ao serviço dos patrões aproveitam os erros de certos trabalhadores estrangeiros

continua pág. 6

Camaradas,

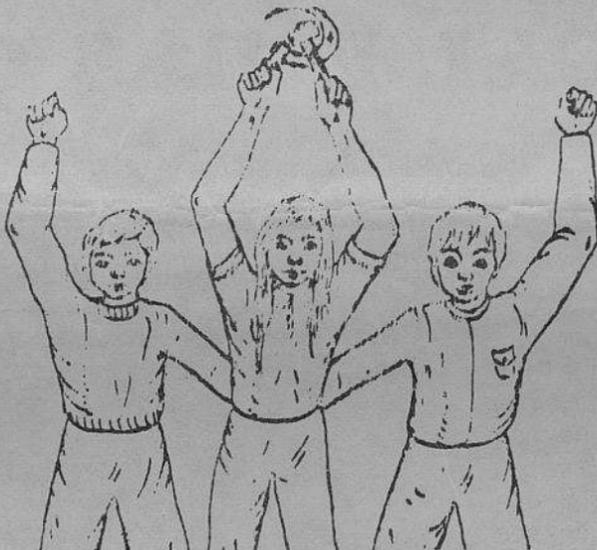
Lendo mensalmente o vosso jornal, vimos que era muito interessante, e que certamente muitos trabalhadores e filhos de trabalhadores o lêem. Nós somos um grupo de filhos de emigrantes que nos unimos para fazer pequenas peças de teatro. Também colaboramos com o teatro operário de Paris. Este panfleto que vos enviamos fomos nós que o fizemos, é distribuído nas festas onde apresentamos as nossas peças: "Era uma vez as eleições" e "Os pescadores".

Se o mandamos é para convidar rapazes e raparigas portuguesas que estão em Grenoble a fazer também teatro. Nós temos entre 12 e 13 anos. Ainda nos chamam crianças, o que não nos chateia nada. Ao fazer as peças de teatro e ao apresentá-las aos trabalhadores portugueses temos aprendido muito, mas ainda queremos aprender mais.

Um abraço e continuação de bom sucesso para "O Alarme",

Os Pionneiros

OS
LEITORES



NÓS SOMOS FILHOS DE TRABALHADORES EMIGRANTES, QUE SENTIMOS QUE NO NOSSO PAÍS HÁ MUITAS COISAS QUE NÃO ESTÃO BEM. JUNTOS, SÓZINHOS E COM DISCUSSÕES ENTRE NÓS CHEGAMOS À CONCLUSÃO QUE UMA DAS MANEIRAS DE AVANÇARMOS MAIS É: - COLABORAR COM O TEATRO OPERÁRIO FAZENDO TAMBÉM UMA PEQUENA PEÇA. ELA CHAMA-SE...

ERA UMA VEZ ... AS ELEIÇÕES...

ORGANIZADO E COM ARMAS
O POVO É INVENCÍVEL

VIVA

A REVOLUÇÃO POPULAR

*Faz-te correspondente
do Alarme na terra
onde trabalhas.
Envia-nos Notícias*

"CUIDADO, NÃO SE DEIXEM ILUDIR PELO PALAVREADO DOS PATRÕES"

Este grito de alarme é-nos dado por um leitor de Palaiseau, que nos relata mais um exemplo miserável e traiçoeiro de um patrão para com uma trabalhadora portuguesa:

"Depois de 9 meses de trabalho na empresa "Roux Traiteurs S.A." na cantina da C.G.E. (Compagnie Generale d'Electricité), esta portuguesa foi de férias a Portugal com a família, e ao regressarem a França tiveram um acidente sendo a mãe dela conduzida ao hospital.

Esta trabalhadora enviou um certificado de doença e, passado pouco tempo, recebeu como resposta uma carta de "desemboche". Esta Portuguesa continua doente e além disso tem 5 filhos dos quais se deve ocupar, visto a mãe se encontrar no hospital. Onde vai ela encontrar trabalho, se foi posta à porta?"

Outro exemplo miserável de um patrão, desta vez um português: Um jovem operário português fazia os papéis na garage St. Christophe Cerqueira, 4 Rue des Pinsons em Morangis. Já ia em 7 meses de contrato, quando o patrão, fazendo chantagem com os papéis, exige que o jovem trabalhe sem descanso, insultando-o e chegando ao ponto de lhe dar um murro com toda a força no nariz!

O jovem viu-se obrigado a romper o contrato, pondo em risco a sua legalização em França.

Camaradas:

Exemplos como estes, são às centenas por todo o lado onde há trabalhadores e emigrantes. Os patrões não olham a meios para arrancarem dos trabalhadores o máximo lucro, pouco se importando com a sorte de uma mulher que fica com 5 filhos para sustentar, ou de um jovem sem papéis. Contra isto, temos que nos unir e organizar, lutando pelos nossos direitos.

Um leitor amigo, Nov. 73

Paris

Amigos do Alarme,

Costumo ler o jornal e como penso poder passar alguns números, agradeia que me enviassem 10 números mensalmente que venderia a amigos e companheiros de trabalho, podíamos começar pelo nº14.

Junto envio um recorte do Século pois as eleições não resolvem os problemas dos trabalhadores em Portugal e ainda por cima há vigarices que levam ao tribunal mas os tribunais nada fazem pois são dos patrões.

Espero pela vossa resposta. Aqui vai um grande abraço a todos.

A.

"O ALARME" Pág. 2

DINAMARCA

No dia 2 de Novembro, O Comité de Desertores Portugueses na Dinamarca levou a cabo em Copenhague, uma festa de solidariedade com a luta dos povos das colónias portuguesas e a luta dos trabalhadores portugueses.

O programa foi composto de canções revolucionárias portuguesas, interpretadas pelo conjunto "Os Camaradas", por uma peça de teatro, intitulada "Era uma Vez... as eleições...", apresentada pelo grupo de teatro infantil "Os Pioneiros" e pela peça "O Soldado", representada pelo "Teatro Operário".

A esta festa acorreu elevado número de portugueses e dinamarqueses, que num franco clima de camaradagem, acompanharam com vivo interesse as diversas fases da festa, vibrando particularmente sempre que eram apresentados aspectos da forma como os trabalhadores portugueses, com a classe operária à cabeça, lutam pela destruição do capitalismo e pela instauração do socialismo.

No final, todos nós estávamos radiantes e com a grande certeza que à força invencível do povo unido, nada nem ninguém pode resistir.

O futuro pertence mais do que nunca aos povos e nenhum obstáculo por maior que seja, pode travar esta corrente irresistível e fazer reverter a roda da História.

do correspondente do Alarme na Dinamarca.

SUÉCIA

Até à data ainda não recebemos informações dos camaradas da Suécia. Mas sabemos que o "Teatro Operário" e "Os Pioneiros" também estiveram numa festa na Suécia em Malmö no dia 3 de Novembro.

Na sala cerca de 300 trabalhadores, aplaudiram sobretudo as passagens do teatro em que a classe operária revoltada combatia os inimigos.

A festa acabou com a grande maioria dos trabalhadores de pé e com o punho no ar, em símbolo de revolta, de ódio e de vontade de acabar com esta merda.



NOTÍCIAS DOS PORTUGUESES DE S. BRUNO

No dia 1 de Novembro um grupo de portugueses do quartier S. Bruno organizou uma festa muito agradável, no centro Berriat.

Comeu-se castanhas assadas, bebeu-se uns copos que caíram como ginjas.

Cantamos, dançamos e conversamos uns com os outros.

Toda a gente se divertiu. Homens, mulheres e crianças todos participaram. Uns foram à montanha apanhar as castanha outros assaram os choiços. Os mais novos ofereceram-se para fazerem a limpeza das salas.

No domingo seguinte voltamos a encontrar-nos para vermos novamente o filme sobre o passeio a Charavines.

Como vemos neste bairro vivem muitos portugueses que gostam de se encontrar para conversar e discutir dos seus problemas.

"O grupo organizador"

OS PATRÕES "SOLDADORES" GRENOBLE

Tal é o título dum artigo tirado dum jornal francês.

Na empresa Jaeger, em Caen, depois de ter chamado a polícia para pôr os operários na rua, que manifestavam na frente da fábrica, a direcção mandou soldar portas e janelas.

Na L.M.T. de Lannion, depois de a polícia ter expulsado os operários que ocupavam a fábrica, a direcção mandou soldar todas as portas e saídas de socorro apenas deixou por soldar a porta principal severamente guardada.

Camaradas, mais um exemplo que os patrões só servem para comer o suor do nosso corpo.

Camaradas todos unidos e organizados façamos a Revolução Popular.

Os meus cumprimentos são,
"Em frente pela Revolução Popular"

Um camarada do Alarme.

BAILE POPULAR

Camaradas,

GRENOBLE

Com o intuito de ajudar a fazer a união entre nós, um grupo de trabalhadores portugueses, como no ano passado, vai organizar um BAILE POPULAR na noite de passagem do ano.

Este baile será no dia 31 de Dezembro às 8h30 da noite, no Centro Social Berriat, na Rua Henri le Chatelier.

Haverá:

- Música Popular Portuguesa
- Música Moderna
- Bebidas e Petiscos

Convidamo-los a todos a virem divertir-se uns com os outros numa passagem do ano alegre.

Como não fazemos parte da classe dos exploradores, a entrada será de borla.

Homens, mulheres, e crianças, o Baile é de todos nós - DOS OPERÁRIOS.

um grupo de Portugueses.

ASSINA E FAZ ASSINAR "o alarme" AOS TEUS AMIGOS

QUERO RECEBER O "ALARME" EM CASA:

NOME _____

MORADA _____

PARA RECEBER "O ALARME" EM CASA
CORTA ESTE BOLETIM E ENVIA-O PELO
CORREIO PARA:

"O ALARME"

22 VILLAGE DU RIF

38640 - CLAIIX

Preço de uma assinatura: 10f, preço ae cada: 1f

o Alarme pag. 3



MAIS CINCO DESERTORES

Continuação da 1ª Página.

Ninguém gosta de largar a sua terra e os seus, para mais, sem saber quando os voltará a ver. Mas ir para a guerra, fazer-se um assassino e talvez até morrer para defender os mesmos que nos exploram e espezinham na nossa terra, isso é que não!! Para mais, conhecemos tantos que lá foram, trabalhadores como nós, e que, depois de voltarem, têm à mesma que emigrar para o estrangeiro para fugir à miséria a que os submetem os capitalistas que foram defender..."Quem fala assim é um dos cinco marinheiros que desertaram de um navio de guerra português, a fragata "Almirante Magalhães Correia", que durante o mês de Setembro andou em manobras no Mar Do Norte, integrada numa esquadra da NATO.

Dos cinco marinheiros, os três primeiros aproveitaram uma escala do barco em Copenhague para se passarem à Suécia. Os outros dois, que nessa altura não puderam abandonar o barco, conseguiram, com o apoio do Comité de Desertores Portugueses da Dinamarca, desertar de um outro porto dinamarquês, Fredrikshaven, e juntar-se aos três primeiros em Malmö, onde o CDP de Malmö/Lund (Suécia) os apoiou, na resolução de todos os problemas relativos aos pedidos de autorizações de trabalho e de estadia que, graças também a uma larga



campanha promovida pelo CDP, lhes foram concedidas com invulgar rapidez.

"NAS COLÓNIAS IRIA DEFENDER OS MESMOS QUE ME EXPLORAVAM EM PORTUGAL"

"O Alarme", entrevistou em Malmö, na sede do CDP, os cinco desertores. São eles:

Alfredo Trindade, natural de S. Tomé, de 19 anos, radiomontador.

Damião Monteiro, de Sto. Ildefonso (Porto), 23 anos, tipógrafo,

António Santos, da Figueira da Foz, 20 anos, mecânico de bordo,

Alberto Veríssimo, de Chão de Couce (Coimbra), 21 anos, electricista.

Luis Ribeiro, de Lourosa de Santiago de Besteiros, 21 anos, operário da construção civil.

"O Alarme" - Quais foram os motivos da vossa deserção?

Alfredo - Eu estava há 17 meses na tropa e soube que quando voltasse a Lisboa seria mandado para a guerra em Angola. Ora eu sou de S. Tomé e vivi 5 anos em Angola. O povo de lá, tal como o da minha terra, vive oprimido e explorado, na miséria, enquanto os colonialistas vivem no luxo, sem nada fazerem senão humilhar os que são obrigados a servir-lhes de escravos, protegidos pela polícia e pelo exército. Então eu acho que o povo de Angola é um grande exemplo para o povo da minha terra, porque já luta há muito tempo para pôr dali para fora essa corja de bandidos que nos humilha, escraviza e vive à nossa custa. Era contra esse povo que me queriam mandar lutar. Só estava à espera de uma oportunidade, e logo que ela se deu, desertei.

Damião - Eu já estava na marinha há 24 meses e estava quase a ser mandado para as colónias. Mas eu, de há uns tempos para cá, comecei a perceber que os inimigos dos povos das colónias são os mesmos dos do povo trabalhador português; os burgueses e parasitas fascistas. Eu sou um operário, quando vier a lutar será pelo povo e não pelos inimigos do povo.

António - Eu tinha 38 meses na marinha e estava mobilizado para a Guiné. Ia por dois anos, mas talvez, como muitos da minha especialidade, fosse obrigado a ficar

lá mais. Mas mesmo que fossem só dois, que é que eu ia lá fazer, senão tornar-me um criminoso? Sabendo como sei que a luta dos povos das colónias é justa!

Alberto - Eu já levava 53 meses na tropa, sem nunca ter ido às colónias. Há mais de 5 meses que deviam ter-me deixado sair, mas disseram-me que não porque ainda tinha que ir à guerra. Ora eu, enquanto estivesse em Portugal, lá ia aguentando as humilhações dos chicos fascistas, só para não ter que largar a minha terra. Mas os senhores que oprimem e exploram o povo trabalhador da minha terra que tanto quero, querem usar-nos como armas assassinas para poderem continuar a oprimir e explorar os povos das colónias. Logo que compreendi isso, comecei a pensar em desertar, e foi agora que me surgiu a oportu-

nidade.

Luis - Eu já andava tão revoltado com o tratamento que me davam no barco que estava sempre a responder aos oficiais e aos chicos. Já tinha apanhado tantos castigos que estava quase a ir para o forte. E era então esses canalhas que me lixaram a vida constantemente e faziam tudo para me humilhar e aos meus camaradas que eu ia defender na guerra?

Se um dia fizer guerra há-de ser contra eles e contra os que eles servem.

"QUANDO NOS UNIMOS É QUE VEMOS A FORÇA QUE TEMOS"

"O Alarme" - Vocês falaram em humilhações e castigos. Quem contar alguma coisa sobre isso e sobre as formas como a malta reagiu à opressão?

Alfredo - Eu posso falar de como me tratavam por ser africano.

A mim havia muitos oficiais e sargentos que não podiam falar comigo que não fosse para dizer: "Anda cá ó preto! Vai fazer isto, ó preto!" Os outros marinheiros não me tratavam assim. Uma vez, nos Adidos, era eu de S. Tomé e mais três de Cabo Verde que íamos entrar de serviço. Quando o tenente fez a chamada, não chamou pelos nossos nomes e no fim, virou-se para o cabo-da-guarda e disse-lhe "que fosse buscar a lista dos pretos". A gente protestou, e perguntou se aquilo agora era assim. Só por isso tive que fazer seis guardas de castigo, e ainda tinha mais para fazer quando embarquei.

Luis - A comida que nos davam no barco, às vezes até cheirava mal, mas os oficiais que estavam de dia, e que se faziam com o ladrão do dispenseiro, diziam sempre que estava bem e mandavam servir. Eles diziam que a comida era igual para todos, mas a dos oficiais era cozinhada à parte, e, por isso, estava sempre bem. E eles podiam comer do melhor, mesmo que não quizessem tocar na comida do barco. Basta dizer que, quando andávamos embarcados, tínhamos de subsídio 45\$00 para os grumetes e 60\$00 para os marinheiros. Pois o sacana do comandante tinha de subsídio mais de 900\$00 por dia! Uma vez quando fizemos escala em Inglaterra, na ilha de White, protestámos contra a má alimentação e havia muitos que se queriam recusar a levantar ferro. Mas os sacanas dos chicos, dessa vez conseguiram fazer medo ao pessoal. Um deles o sargento Mário Pimenta, que era dos mais odiados, disse a alguns dos que protestaram que lhes "havia de cortar as pernas antes de chegarmos a Lisboa."

António - Mas também houve alturas em que a malta não se acagou, e unidos, fizemos-lhes frente. Quando fizemos escala em Portsmouth, o fascista do tenente Ferreira Pires mandou formar as pessoas que iam sair. Éramos uns 45 e só dez é que receberam cartão de saída. Os outros

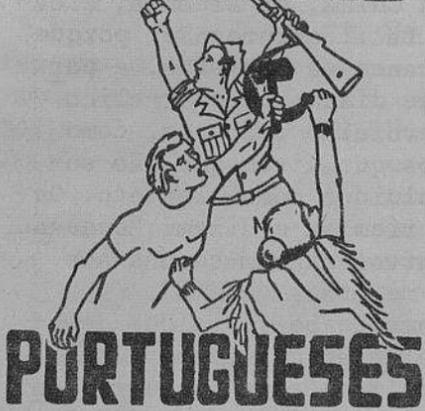
SÓ DUMA VEZADA!...

tínham todos que ir cortar o cabelo. Então o canalha do tenente disse: "Quem não cortar fica no barco! Quem manda aqui sou eu, e se quisesse até fazia de vós escravos!" Ficámos tão revoltados que os dez que já tinham o cartão de saída, dissémos que ou saía tudo ou não saía ninguém, e fomos para devolver os cartões. Mas nem foi preciso, porque quando fomos ter com o fascista do Pires, já o gajo estava todo acagaçado a passar cartões para toda a malta.

Alberto - Outra vez em que nos unimos e fizemos frente aos chicos fascistas, foi há dois anos em Portland, quando o barco em que eu estava andava também em manobras da NATO. Dessa vez, foi o fascista do comandante Rocha Calhordas que resolveu que não havia de nos deixar sair do barco à civil, como é costume em portos estrangeiros. Dessa vez, a união da malta foi mesmo total. Ficámos sete dias dentro do barco, mas ninguém saiu fardado. Ao fim desses sete dias, o comandante estava a ver as coisas tão mal para das que deu o dito por não dito e deixou-nos sair todos à civil.

Damião - Tudo isto, só serve para nos humilhar e habituar-nos a obedecer às ordens mais estúpidas que nos dêem. Mas cada vez mais, a malta vai percebendo que, se se unir, não há oficial fascista que não se acagace.

MANIFESTO DOS SOLDADOS



"QUANDO LEMOS O MANIFESTO DOS SOLDADOS SENTIMOS REBENTAR A REVOLTA QUE ANDAVA DENTRO DE NÓS"

"O Alarme" - Mas se tanta gente anda revoltada contra essas humilhações, porque é que não desertaram mais marinheiros, dos que já sabiam que iam para as colónias, desta e das outras vezes que escalarão em portos estrangeiros?

António - Muitas vezes, a malta tem medo de desertar porque não sabe o que vai encontrar cá fora. Os oficiais fazem tudo para impedir que encontremos outros portugueses que já tenham desertado e estejam organizados cá fora. Por exemplo, quando parámos na Holanda, devíamos ficar em Amsterdam. Mas aí,

esperava-se que houvesse manifestações contra a NATO e contra a guerra colonial. Sabemos agora que também lá existe um CDP. Pois o nosso barco não fundeu em Amsterdam, mas sim num porto afastado, Dan-helder, e mesmo aí, foram montados canhões de água. Mas mesmo em Dan-helder, os fascistas não andavam sossegados. Antes de sairmos, o oficial de dia "recomendou-nos" que disséssemos que éramos brasileiros ou espanhóis, ou outra coisa, mas não portugueses. Eles falam muito em pátria, mas quando têm o cú a arder até nos querem fazer sentir vergonha por sermos portugueses. Mas a pátria deles não é a nossa, a dos trabalhadores.

Alberto - Quando chegámos a Copenhague, apareceu logo no barco um gajo do consulado português, que esteve a falar muito tempo com o comandante. No fim da conversa, o pau-mandado do comandante, o Elias da Costa, veio dizer-nos que podíamos sair mas que estávamos proibidos de vir à Suécia. Eles lá sabiam que aqui em Malmö havia portugueses organizados no CDP. Mas essa proibição foi o pior que eles podiam fazer. Mais de 60 marinheiros vieram mesmo até Malmö, mas só nós é que tivemos a sorte de encontrar membros do Comité. Isso acabou por ser falado no barco, e por isso, o Luis e o Trindade já sabiam que tinham apoio se desertassem.

António - Nós desertamos do porto seguinte, de Fredrikshavn. O Comité dos Desertores Portugueses da Dinamarca já tinha sido avisado daqui, e alguns dos seus membros fizeram uma viagem de quase 200 km, desde Århus, onde têm a sede, para nos apoiar. Se não tivéssemos tido medo de falar dos nossos planos a mais marinheiros, talvez muitos outros tivessem vindo.

Luis - Mas quando saímos do barco, já lá dentro havia malta que tinha arranjado propaganda revolucionária, principalmente o "Manifesto dos Soldados", que em Portugal já há muitos quartéis em que é distribuído. Eu só consegui lê-lo cá fora, mas uma pessoa quando lê aquilo, parece que está a ver tudo pelo que passou e começa a ver a razão de muitas coisas.

Damião - É isso mesmo. A gente muitas vezes bem sente como somos ofendidos pela canalha dos chicos. Sofremos, mas se não nos revoltamos mais é porque não estamos organizados e não compreendemos o porquê de muitas coisas, não analisamos os processos com que nos ofendem. A revolta anda dentro de nós, mas é quando lemos o "Manifesto dos Soldados" que vemos bem como temos razão para nos revoltar, e ficamos com vontade de levar aquela merda toda à nossa frente. Talvez entre os quais que não desertaram, haja alguns que tenham percebido isso mais cedo do que nós e que só lá tinham ficado para lutar até ao últi-

mo momento, até serem mesmo chamados para a guerra colonial assassina.

"DEPOIS DE DESERTAR AINDA PODEMOS APOIAR A LUTA DO POVO PORTUGUÊS E DOS POVOS DAS COLÓNIAS".

Alfredo - A gente muitas vezes deixa-se comer quando os gajos nos dão prémios para nos acender uns contra os outros. Vejam o boxe, por exemplo: somos capazes de andar ali a foder a cara a um camarada, enquanto os oficiais gozam e nos espicaçam com a mira nos prémios.

Damião - Eles querem-nos fazer entrar no jogo deles, na marinha dizem que a marinha é melhor do que o exército, nos fuzileiros dizem que os fuzileiros são mais que os marinheiros, tudo isto porque, enquanto andarmos a tentar mostrar uns aos outros que servimos melhor para criados dos pançudos, estão eles a rir e a lixar-nos porque nos conseguem ter divididos. Tudo isto vem no "Manifesto" e então é que a gente percebe como muitas vezes se deixou comer, quando deve é unir-se contra essa corja de bandidos e parasitas.



António - Mas mesmo depois de desertarmos, acho que a gente ainda tem possibilidades de lutar. Para isso é que estamos no Comité dos Desertores Portugueses (CDP). Só vos digo que se no barco tivessem sabido mais cedo que vocês aqui estavam tão bem organizados, não tinham sido cinco a desertar, mas sim cinquenta.

Luis - E o CDP da Dinamarca também. Fizemos uma viagem daquelas para nos ajudar, trataram de tudo e só nos largaram quando nos puzeram em contacto com o CDP da Suécia. Os CDP são importantes para o apoio aos desertores, porque para conseguirmos ficar num país estrangeiro, temos que nos haver com polícias que, com mais alguns sorrisos, são tão fascistas como os de Portugal.

Alfredo - Em Fredrikshavn, quando eu vinha embora, vi que havia grupos de marinheiros reunidos aqui e ali a falar com os membros do Comité. Soube depois que foram muitos os que contactaram para falar com eles e lhes pedir literatura revolucionária.

Damião - E aqui também fizeram por nós tudo o que era preciso. Mas o que é importante, é que podemos continuar aqui a contribuir, por pouco que seja, para apoiar e fazer conhecida a luta do povo trabalhador português contra a exploração capitalista e dos povos das colónias contra o domínio colonialista.

O Silva, o Zé e os seus problemas

Zé - Então ó Silva? Lembras-te da nossa última conversa? Eu estou muito interessado em que me digas coisas sobre aquilo do outro dia.

Silva - O quê? Como nós trabalhadores havemos de nos unir?

Zé - Sim, sim, sim, isso mesmo. É que eu estive cá a matutar, mas não consigo descobrir como é que é possível unir tanta gente. É que nós somos muitos.

Silva - Pois é verdade, somos muitos a sentir que somos enganados e explorados e como todos nós temos esse mesmo problema, não é difícil a união.

Zé - Mas eu não estou a perceber, ó Silva, porque há tantos trabalhadores que estão contentes, pois têm televisão, vestem bem, mandam dinheiro para Portugal.

Silva - Pois é, mas para terem tudo isso trabalham anos seguidos e durante esse tempo todo o patrão enriquece com o que rouba a todos os que trabalham para ele, por isso, é que nós devemos de nos unir e lutar contra todos os patrões.

Zé - Mas como?

Silva - Exigindo mais dinheiro e melhores condições de trabalho. Claro, como ele não cede logo assim do pé para a mão, nós temos de fazer greve, mas temos de ser todos a fazê-la, porque todos estamos interessados em ser mais bem pagos. Mas antes de fazermos greve, primeiro temos de falar cá entre nós e formamos um comité de trabalhadores, 5 ou 6 camaradas que têm mais ódio ao patrão e estão decididos a lutar.

Zé - Ainda não estou a perceber muito bem essa história do comité de trabalhadores, pois se a coisa corre para o torto somos presos.

Silva - Não, não, que merda é essa? Preso nunca. Não podemos deixar que essa corja ponha as mãos em cima de nós, e para que isso não aconteça o comité deve ser clandestino.

Zé - O que é clandestino?

Silva - As escondidas do patrão, dos chefes, da polícia, dos espias, etc. Senão arriscamos a ser atacados e a greve ir por água abaixo.

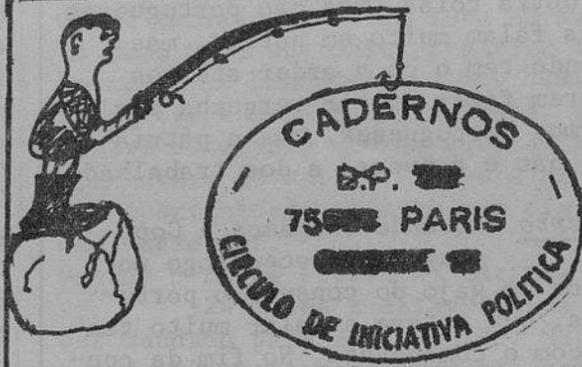
Zé - Pois isso está bem pensado, se fosse sempre assim até já não tinha medo de me meter a pedir mais dinheiro.

Silva - Pois além disso, quando discutimos como fazer a greve, aprendemos muitas coisas novas e boas que nunca nas escolas nos ensinaram, começamos a ter confiança uns nos outros, pois quando vamos para a luta e fazemos tal qual tínhamos discutido na reunião clandestina, começamos então a pensar que é possível a nossa união e que nós unidos como um só, levamos a nossa avante.

Zé - Ah! mas no tempo da greve não se trabalha, é tempo perdido e andamos chateados.

Silva - Nada disso, a greve é a festa dos trabalhadores, pelo contrário trabalhamos muito mais ainda. Discutimos sobre esta horrível sociedade em que vivemos. O grupo de trabalhadores mais avançados reúne-se várias vezes para ver o avanço da luta e juntamente com todos os operários decidirem o que devem fazer. É porreiro que quando fazemos uma greve bem organizada, sentimos uma grande vontade de lutar e a vitória é certa.

Zé - O filho da puta do chefe está a chamar-me. Até logo, outro dia continuaremos a nossa conversa.



ATENÇÃO! ANDAM DOUTORES À PESCA!

Círculo de Iniciativa Política mandou-nos um comunicado, pedindo para a gente o publicar.

Esse comunicado, convida qualquer pessoa a entrarnuma reunião onde eles querem que se discuta sobre "Emigração na Europa e movimento operário hoje". Vá lá a gente perceber o que é isso! No entanto, pensamos ainda sobre o assunto e decidimos não ir à tal reunião, não publicar o comunicado e avisar os outros operários e estudantes que lutam contra os patrões, a não caírem assim tão facilmente em contos do viário.

Não vamos à reunião porque ela é feita por doutores, intelectuais e outros que tocam na mesma guitarra que têm a mania que hão-de ser eles a orientar a classe operária contra a exploração capitalista. Então não fazem nada mais, inventam reuniões, para ver se cai alguém na rede, como quem anda à pesca. Armam-se em sabedores de revolução (que ao fim ao cabo não percebem) com palavras e questões difíceis aos nossos conhecimentos, para melhor nos enganarem, tal como os doutores democráticos que entram nas eleições e que de democráticos nada têm. Publicar então o tal comunicado, seria trair os interesses da nossa classe. Mas não é só por isso que aconselhamos outros camaradas a não ir na fita, é porque de certeza, numa reunião com as portas abertas, vai entrar toda a gente, pides por exemplo. E nós não nos devemos mostrar assim tão facilmente e ficar marcados pela polícia.

Aos senhores intelectuais que andam à procura da rolha, aconselhamos a ir trabalhar que talvez a mania de dirigir os outros lhes passe.

Os operários não querem tirar burgueses do poder para meter lá outros, mas sim decidirem livremente as soluções das suas próprias necessidades, implantando dessa maneira a ditadura do proletariado.

GUINÉ

A REPÚBLICA DA GUINÉ BISSAU RECONHECIDA PELA O.N.U. (NAÇÕES UNIDAS)

A assembleia geral da o.N.U. reuniu-se dia 2 de Novembro, condena Portugal pela sua agressão contra a República de Guiné-Bissau. 93 países votaram contra Portugal, 7 por e 30 abstiveram-se.

A assembleia apoia a luta do povo da Guiné, que continua, para expulsar o inimigo colonialista da parte do território que ainda está por libertar e apoia também a intensificação da luta nas ilhas de Cabo Verde, que é uma parte integrante do território nacional do povo da Guiné-Bissau e Cabo Verde.

Apoia calorosamente a proclamação de independência e a criação do novo estado soberano da República de Guiné Bissau.

Condena a política de agressão do governo fascista e colonialista português contra os povos da Guiné-Bissau, Cabo Verde, Angola e Moçambique.

A luta dos povos é invencível!

Comité de apoio aos desertores portugueses em França.

O RACISMO

Continuação da Pág. 2

para com isso dizerem mal de todo o povo a que esses estrangeiros pertencem. Quando se trata dum caso grave com um francês, falam uma vez só e mais nada. Não dizem logo que todos os franceses são filhos da puta...; porque sabem que todos os trabalhadores unidos são uma força tão grande, tão grande, que é capaz de os derrubar, a eles, à polícia, ao exército e de seguida tomar o poder, como na China, na Albânia, etc.

Assim é fácil compreender porque é que há franceses racistas, e portugueses que dizem que o argelino não é tão evoluído como nós, como há italianos que dizem que não somos tão evoluídos como eles, etc. Os patrões aí riem-se e dizem: "enquanto esses parvos atacam-se uns aos outros não me atacam a mim".

É exactamente, por isso, que devemos criar a união entre nós e não dizer que os franceses ou outros povos são racistas, isso é mandar à merda a luta desses povos, mas sim, dizer aos nosso camaradas de classe que todos nós somos carne e osso, iguais, portanto, com o mesmo direito à vida. Mais ainda, devemos de apoiar e colaborar nas lutas dos trabalhadores franceses contra os patrões, assim como devemos contar-lhes as vitórias que os trabalhadores ganham sobre os patrões em Portugal, que os soldados portugueses desertam para não irem matar trabalhadores africanos, etc... No fim de tudo devemos é de criar a unidade entre nós. Por alguma razão se diz, "Proletários de todos os países uni-vos".

(1) Sim camarada, a tua carta como não explica o problema do racismo a fundo não se consegue ver quem são e não são os racistas. Assim, organizam-se movimentos contra quem?

(2) Um Trabalhador Francês contra Portugal

"EU NÃO SEI VOTAR" "ISSO NÃO SERVE PARA NADA"

PORTO

DIA 20 DE OUTUBRO:

No dia 20 de Outubro apareceu uma convocatória para uma manifestação na Praça da Liberdade, não assina nada, mas vinda dos "democratas" do partido que se diz comunista portugueses.

A manifestação realizou-se, mas dirigiu-se para a Batalha, aos gritos de "Viva a Guiné Independente" contra o gritinho reformista de "Anísta". Toda a gente gritava "Votar é trair o povo" e "Democracia Popular".

Quando a polícia atacou, os candidatos e reformistas fugiram, mas os operários bem organizados lutaram contra os "chuis".

DIA 26 DE OUTUBRO:

Neste dia, para encerrar a "campanha" os "democratas" organizaram um comício no Coliseu do Porto. Dentro do Coliseu os Comitês Revolucionários Anti-Eleitorais (CRAE'S) convocaram para uma manifestação à saída onde apareceram com cartazes dando as palavras de ordem "Votar é trair o povo", "Viva a classe operária", "Viva a aliança operário-camponesa", "Democracia Popular". Saíram do Coliseu com lenços vermelhos na mão, e gritando as palavras de ordem dos cartazes.

A polícia estava à espera dos manifestantes. Os reformistas cheios de medo gritaram: "Calma", "Não há condições", "É um suicídio". O povo avança e há porrada com a polícia e em várias ruas da cidade, atacam como podem, à pedrada, atirando caixotes de lixo, corpo a corpo, etc..

MATOSINHOS

1º COMÍCIO

Os pescadores que estavam na sala, obrigaram a mesa a falar da greve. Disseram que o que ganharam não foi com conversa, mas sim com luta. Um revisionista, traidor (do partido que se diz comunista) provocou um trabalhador mas teve logo a paga, um valente murro nos cornos para lhe ficar de emenda.

2º COMÍCIO:

Apareceram cartazes com as palavras de ordem "Votar é trair o povo", "Viva a Guiné independente", "Democracia Popular".

Os reformistas começam a cantar o hino nacional que é imediatamente abafado pela "INTERNACIONAL" cantada pelo povo entusiasmado, de punho no ar.

GUIMARÃES

12 DE OUTUBRO, ANIVERSÁRIO DA MORTE DE RIBEIRO DOS SANTOS

Os núcleos sindicais de base do liceu e o comité revolucionário anti-eleitoral de Guimarães convocaram uma manifestação para este dia.

Chovia torrencialmente mas apesar disso, juntaram-se 300 manifestantes, na sua maioria operários de Guimarães, Pevidem e arredores, que durante 4 horas se manifestaram e organizaram comícios onde aprovaram moções contra a repressão, contra a pida, contra a guerra colonial, contra as eleições burguesas, etc.

COIMBRA

Houve grande agitação nesta região. Nos quartéis, nas fábricas, entre os estudantes, discutia-se e apoiava-se a palavra de ordem "Votar é trair o povo".

NUM COMÍCIO, NO TEATRO AVENIDA

No 2º balcão, ocupado por mais de 50 pessoas, apareceu um cartaz que dizia "Abaixo as eleições burguesas - Em frente pela revolução popular". As pessoas, viradas de costas para a mesa, aplaudiram com grande entusiasmo. O Guarda Republicano, encarregado de manter a ordem, dirigiu-se à mesa, dizendo que aquele cartaz era proibido.

Então tiraram esse cartaz e puseram outro dizendo: "Viva a Guiné Independente". Houve a mesma reacção do guarda e do pessoal. Apareceu outro cartaz: "Viva a classe operária", Outro: "Viva a aliança operário-camponesa", outro: "Votar é trair o povo", e ainda "Democracia popular". Perante o entusiasmo indescritível das pessoas, os cartazes eram saudados ao som da "Internacional", com toda a assistência de costas para a mesa dos candidatos traidores do povo.

À saída houve uma manifestação.

CAMARADAS
o ALARME PEDE-VOS:
FOTOS - DIRECCÕES - INFORMAÇÕES
SOBRE **PIDES**

MIRAGAIA: SÉ

DOMINGO DIA 28 - DIA DAS ELEIÇÕES

Um grupo de cerca de 60 trabalhadores bem organizados, correram às zonas populares de Miragaia e Sé, falando com a população e desmascarando o acto eleitoral. As respostas eram "EU NEM SEI VOTAR", "O QUE É VOTAR?", "ISSO NÃO SERVE PARA NADA".

O povo protegeu e apoiou estes grupos, indicando-lhes o caminho mais seguro para não encontrar a polícia.

MARINHA GRANDE

DIA 28, DIA DO "ACTO"

Os operários começaram a juntar-se para insultar quem ia votar. O presidente da câmara quando apareceu foi recebido aos gritos de "filho da puta", "fascista". Entretanto, apareceu a polícia que descarregou sobre as pessoas. Estas reagiram à pedrada, reagruparam-se para contra-atacar a polícia, gritando "Votar é trair o povo", "Democracia Popular". Os revisionistas que estavam misturados fugiram.

A luta foi violenta. Houve cerca de 70 feridos, um polícia de choque ficou em estado de coma. Houve 5 ou 6 operários dos mais combativos que foram presos.

Durante todo o dia houve grande agitação. A polícia reprimiu violentamente, invadindo um café, e destruindo-o completamente.

Os fascistas, cheios de medo, mandam ocupar a vila por 150 polícias de choque.

Os operários pensavam e falavam já entre eles em organizar uma greve geral para exigir a libertação dos presos. Isto até lembra os bons tempos do 18 de Janeiro de 1934.

BAIXA DA BANHEIRA

Durante uma sessão eleitoral, a mesa propôs enviar um telegrama ao governo pedindo a sua demissão. As pessoas assobiam a mesa, ao mesmo tempo que davam palavras de ordem de violência, de luta pelo socialismo.

A guarda republicana tentou interromper a sessão, dizendo que aquilo era proibido. Os operários obrigam-no a calar-se, dizendo que ali quem não fala é ele, que ali quem fala é o povo.

A reunião continuou, tomada em mão por todos os presentes, que gritavam "Viva a Guiné independente", e "democracia popular".

NOTÍCIAS DE PORTUGAL

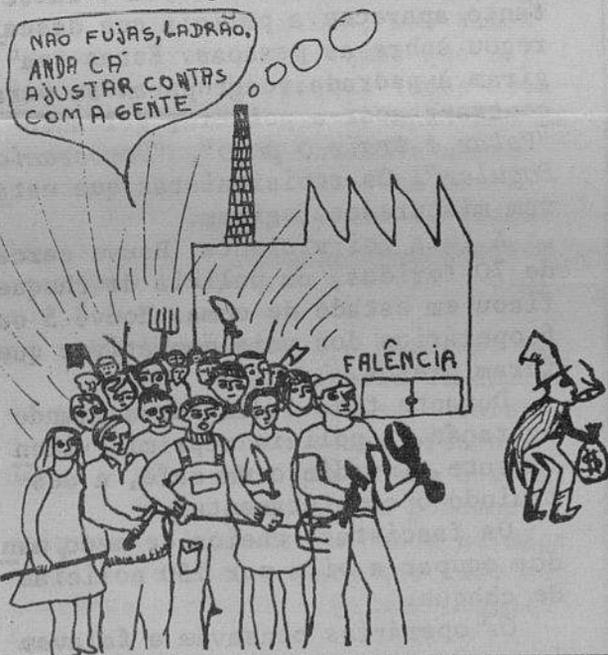
BRAGA

A FÁBRICA DA RALHA

Como na fábrica da Abelheira e muitas outras mais um vigarista que abriu falência e sem prévio aviso nem indemnização aos operários e operárias quiz fechar a fábrica. Mas os operários e operárias da fábrica da Ralha ao verem todas as tralhalhas do patrão, uniram-se com facas, pedras e paus para receberem o patrão e o punirem. Vendo esta união, o patrão fugiu para a fábrica e chamou a P.S.P. e a G.N.R.

Os operários e operárias vendo o afrontamento dos cães de guarda da burguesia, ocuparam a fábrica e atacaram com o material da fábrica (ferramentas e peças). Vendo esta força a polícia foi retirada, o patrão oferece 4 dias de indemnização aos operários e operárias, estes não aceitam e continuam a ocupar a fábrica reclamando as indemnizações que a própria lei burguesa determina.

A união da classe operária faz recuar os capitalistas.



ABELHEIRA

Uma das consequências do sistema capitalista de concorrência e concentração das empresas leva ao encerramento das fábricas pondo os trabalhadores na rua e sem qualquer indemnização, levando mesmo o problema a que muitas povoações morram, obrigando assim os habitantes a procurarem trabalho noutras vilas ou emigrar. Mas com o povo da Abelheira isto não aconteceu.

Já as coisas não iam lá muito bem quando os Ingleses venderam a fábrica Graham ao Champallimaud. Nessa altura as encomendas de papel começaram a ser canalizadas para uma outra fábrica comprometendo a qualidade e productividade da fábrica da Abelheira. A seguir começaram a despedir a pouco e pouco os mais novos e por fim apareceu um papel na porta da fábrica que dizia:

"A FÁBRICA ENCERRA POR FALÊNCIA"

Vendo esta repressão os trabalhadores uniram-se para lutar contra essa corja de bandidos.

Durante seis meses ocuparam a fábrica, fazendo os turnos normais, resistiram a todas as tentativas de intimidação e afrontamentos com a G.N.R.

Durante este tempo eles eram pagos pela Caixa, e tiveram o apoio da população.

Os capitalistas vendo que nada podiam fazer contra a união dos trabalhadores mudaram o nome da fábrica (a fábrica foi adjudicada à Socel que é uma associada da Champallimaud), pagaram 28 mil contos de indemnização aos operários.

Mas a luta continua porque os novos patrões tentam expulsar os operários combativos.

É com estas lutas vitoriosas que se avança para a revolução popular!

MAFRA

Para a realização de juramento de bandeira de Mafra em Setembro, apareceram numerosas tarjetas sobre a FRELIMO e alguns "Manifestos dos Soldados" que circulavam.

Na véspera do juramento os xicos puseram dois pelotões de soldados disfarçados, escondidos nas retretes, nos cantos dos corredores (à civil) nas casernas (em pijama) procurando surpreender os cadetes em distribuição de panfletos. Nada conseguiram pois houve algumas praças e Cabos Milicianos que avisaram os cadetes.

No dia do juramento, 850 cadetes formados numa sala interior, completamente cercados de soldados, cada um com 2 carregadores de balas reais.

Quando o major começou a jurar ninguém respondia. Os fascistas que foram ver o juramento não conseguiram abrir a boca pois eram logo insultados e atacados a pontapés pelos vizinhos.

Os cadetes mais fascistas que tinham levado a família para a festa eram insultados eles e a família.

Cerca de 130 cadetes recusam-se a comer.

Em certos pelotões a desobediência aos militaristas tem sido constante.

VIVA A UNIÃO DOS SOLDADOS!



FOZ do NEIVA

LUTA DOS PESCADORES DA FOZ NO NEIVA

Quando os pescadores desta vila viram que a guarda fiscal estava a construir um posto para fiscalização do peixe, e com a solidariedade dos camponeses, resolveram destruí-lo com picaretas e martelos.

Cheia de medo, a guarda fiscal chamou a G.N.R. de Viana de Castelo que conseguiram dispersar a multidão devido ao seu grande número, prendendo algumas pessoas mas o posto da guarda fiscal foi completamente destruído.

É com estas lutas que o povo caminha para a revolução popular.

: "O ALARME" sup. VRA :
: 22, Village du Rif :
: 38640 - Claix :

Direct. J.P. Sartre - Imp. Sp. VRA

GUIMARÃES

RONFE

No mês de Setembro na fábrica de Somelos (Helanca) os patrões tinham prometido aumentos de salário ao pessoal da tecelagem, ora os outros operários sabendo deste aumento exigiram-no também para eles. Numa secção do 3º turno quando receberam a quinzena viram que não tinham sido aumentados meteram-se logo em greve que durou até às 11 horas e meia da noite. No dia seguinte, como ainda não havia resposta, todos os trabalhadores da equipa de noite (3º turno) meteram-se em greve. Logo apareceu o engenheiro Alves tentando intimidar os operários, mas viu que isso não dava resultado nenhum, então disse que iam todos ser aumentados para a próxima quinzena.

Discutindo, os operários continua

ram a trabalhar e resolveram continuar a luta se não fossem aumentados na próxima paga.

O engenheiro Vale, informador da PIDE e chefe do pessoal andava a tentar saber quem eram as cabeças, ele tanto andarà que um dia levará nos cornos.

Verificou-se que só com a união os operários conseguem ganhar, além de mal organizados o 3º turno conseguiu o aumento.

Mas se a luta tivesse sido organizada no seio das três equipas, com tudo o pessoal (homens e mulheres) a vitória seria ainda melhor e maior.

Todos unidos e bem organizados (homens e mulheres) conseguimos o que queremos.

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!